

ALECSANDRA PEREIRA DA COSTA MOREIRA

**A LUTA PELA TERRA E A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO REMANESCENTE
DE QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIoulos, ALAGOA GRANDE – PB**

Dissertação de Mestrado apresentada em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Ciências Exatas e da Natureza da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito para a aquisição do título de Mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa: Cidade e Campo: espaço e trabalho

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Ferreira Rodrigues

João Pessoa, 08 de setembro de 2009

“A Luta pela Terra e a Construção do Território Remanescente de Quilombo de Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande - PB”

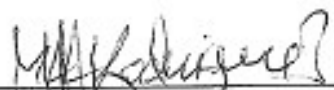
por

Alecsandra Pereira da Costa Moreira

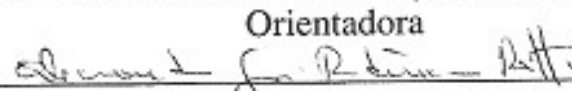
Dissertação apresentada ao Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia do CCEN-UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Território, Trabalho e Ambiente

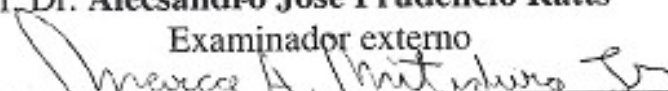
Aprovada por:



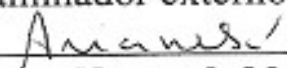
Profª Drª Maria de Fátima Ferreira Rodrigues
Orientadora



Prof. Dr. Alecsandro José Prudêncio Ratts
Examinador externo



Prof. Dr. Marco Antônio Mitidiero Júnior
Examinador externo



Profª Drª Ariane Norma de Menezes Sá
Suplente

**Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Exatas e da Natureza
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Curso de Mestrado em Geografia**

Setembro/2009

M872l Moreira, Alecsandra Pereira da Costa.
A luta pela terra e a construção do território remanescente de
quilombo de caiana dos crioulos, Alagoa Grande-Pb/ Alecsandra
Pereira da Costa Moreira . – João Pessoa, 2009.
116f. :il.
Orientadora: Maria de Fátima Ferreira Rodrigues..
Dissertação (Mestrado) – UFPb - CCEN

1.Território (Geografia). 2. Comunidade Quilombola.

UIFPh/RC

CDD: 913/043

Responsável pela catalogação: Maria de Fátima dos Santos Alves-CRB -15/149

Dedico a minha eterna e amada mãe, Mauricea P. da C. Moreira (in memorian), e ao meu pai, Eduardo M. da Costa, aos meus avós queridos, Inácio M. de Oliveira (in memória) e Eunice M. de Oliveira, e as minhas irmãs Uedna P. da C. Moreira e Uerlandia da C. Lins, que sempre me incentivaram a estudar, bem como me fizeram a cidadã que hoje sou. Aos meus familiares, colegas de turma, professores, minha orientadora, Professora Dr^a. Maria de Fátima Ferreira Rodrigues, amigos e ao meu marido Severino dos R. A. da Silva.

Dedico!

Aos professores do PPGG/ UFPB, e aos que contribuíram de algum modo para a realização de disciplinas que cursei durante o Mestrado, dentre os quais destacamos: Andrea Ciacchi (UFPB), Antônio Thomaz (UNESP), Emília Moreira (UFPB), Fátima Rodrigues (UFPB), Ivan Targino (UFPB), Maria Franco (UFPB), Mauro Almeida (UEC), Pedro Viana (UFPB) e Hervê Thèry (USP).

Aos membros do Gestar: território, trabalho e cidadania, em especial a Amanda, Aline, Ana, Anieres, Aretuza, Carlos, Cláudia, Fátima, Jussara, Lúcia, Mayra, Salomé; aos companheiros nos momentos de descontração: Anderson, Geraldo, Rute e Severino; aos colegas da turma do Mestrado de 2007, que em muito contribuíram para o meu aprendizado.

Aos membros examinadores desse trabalho: Alecsandro Ratts (UFG), Ariane Sá (UFPB) e Marco Mitidiero (UFS), pelas contribuições para o melhoramento do trabalho.

À comunidade de Caiana dos Crioulos, que me recebeu muito bem, a exemplo de Adriana, Baubina, Betânea, Carmelita, Cida, Dudé, Edite, Elza, Finha, Januário, João José, Josenilda, Josefa, José Mário, Maria das Dores, Maria das Neves, Maria José, Mariano, Nestina, Neuza, Nita, Paulinho, Severina, Vera, dentre tantos outros moradores que responderam aos nossos questionamentos e que contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Aos membros dos Movimentos Sociais Negros da Paraíba, a exemplo da AACADE, da Bamidelê, da CEQNEC-PB e do MNU-PB, pelas conversas e entrevistas que me foram concedidas; pelos eventos promovidos com as mesas de debates, oficinas, palestras e rituais sagrados de matrizes africanas. Mesmo em alguns momentos quando não demonstraram interesse pela minha presença em alguns eventos, me ajudaram a compreender os conflitos internos e externos existentes nos movimentos sociais.

Aos familiares, pais, irmãos e avós, ao meu marido pelas leituras e várias sugestões a este trabalho.

Aos colaboradores nos trabalhos de campo realizados durante o mestrado: Fernanda Barboza de Lima e Severino dos Ramos Alves da Silva.

Agradeço também a minha orientadora, que me ensinou e, ainda, continua a me ensinar a estudar desde a graduação em projetos de pesquisa e de extensão universitária, além do estágio de docência.

Agradeço!

Nós
Sentimos a dor do preconceito,
Seu gosto amargo.
Indagamos o por quê
E mesmo encontrando respostas
Não conseguimos entender ou aceitar.
A partir dessas respostas
Traçamos estratégias.
Marcamos hoje
Mais do que em qualquer outro momento da
nossa história
A resistência.

Autora: Alecsandra P. da C. Moreira.

Sumário

Introdução	13
a) Da trajetória acadêmica a escolha do tema: caminhos sinuosos da pesquisa.....	13
b) Iniciação do tema e reconhecimento dos limites epistemológicos: renúncia de um método único.....	15
c) Territorialidades quilombolas na Paraíba.....	21
Capítulo 1: Base da Pesquisa e Construção do conhecimento: instrumentos teórico-metodológicos, técnicas e documentos	26
1.1. O Território (e as Territorialidades) na Geografia: uma categoria clássica constantemente debatida e ampliada para os mais diversos tipos de estudos.....	28
1.2. Trabalho de Campo na Geografia como um instrumento de reflexão crítica, teórica e prática.....	30
1.3. Expressões do Poder no Espaço: tempo e documento.....	33
1.4. A Memória Coletiva e o Trabalho com Relatos Orais.....	37
Capítulo 2: A Questão Racial no Brasil e as Estratégias de Resistência Negra	44
2.1. Formas de resistência negra: o quilombo e seus conceitos.....	47
2.2. Paradigmas Raciais no Brasil.....	53
2.3. Raça e Racismo: produtos dinâmicos das relações sociais	56
2.4. Discriminação e desigualdades socioeconômicas.....	60
2.5. Movimentos Sociais de Resistência Negra.....	68
2.5.1. O ritmo da identidade étnica.....	75
Capítulo 3: Território da Memória e Identidade Étnica	78
3.1. Marcas da Geo-História: resistência negra no Brejo Paraibano.....	79
3.2. Identidade, Símbolos e Religiões.....	85
3.3. Casamento em Caiana: cultura e tradição.....	87
3.4. Ciranda e coco-de-roda: um instrumento poderoso na divulgação da cultura negra de Caiana dos Crioulos.....	93
3.5. Trabalho e Renda em Caiana dos Crioulos.....	97
Considerações Finais	106
Referências Bibliográficas	111
ANEXOS	

Lista de Figuras

Figura 1: Caminhos sinuosos da pesquisa.....	13
Figura 2: Percurso acadêmico.....	15
Figura 3: Comunidades Quilombolas Certificadas e divulgadas no DOU.....	24

Figura 4: A fé estampada na parede. Caiana dos Crioulos - Alagoa Grande/PB. Novembro de 2005.....	35
Figura 5: Casas dispersas em Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande/PB. Nov. de 2005.....	38
Figura 6: Pedra do Reinado Encantado em Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande/PB. Abril de 2006.....	39
Figura 7: Esquema do sistema de valores embutidos no processo de miscigenação no Brasil.....	60
Figura 8: Quadro do analfabetismo por região.....	62
Figura 9: Quadro do curso de alfabetização e educação para jovens e adultos.....	63
Figura 10: Distribuição dos estudantes de 18 a 24 anos ou mais de idade, por cor ou raça, segundo o nível de ensino frequentado.....	64
Figura 11: Rendimento médio mensal de todos os trabalhos, em salários mínimos, das pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com rendimento, por cor ou raça, segundo as grandes regiões.....	64
Figura 12: Rendimento-hora do trabalho principal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com rendimento de trabalho, em reais, por cor ou raça, segundo os anos de estudos.....	65
Figura 13: Parede ilustrada da escola de Caiana dos Crioulos. Nov. de 2005.....	69
Figura 14: Estrada de acesso a Caiana dos Crioulos. Fev. de 2007.....	81
Figura 15: Vista parcial de Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande – PB/Abril. de 2005.....	82
Figura 16: Proteção na entrada da casa. Alagoa Grande – PB/Nov. de 2005.....	85
Figura 17: Altar residencial. Alagoa Grande - PB/Nov. de 2008.....	85
Figuras 18 e 19: Latada para o forró e a “cozinha” construída para o casamento. Caiana dos Crioulos. Janeiro de 2008.....	89
Figuras 20 e 21: Preparo das comidas. Caiana dos Crioulos. Janeiro de 2008.....	90
Figuras 22 e 23: Seguindo para a igreja. Caiana dos Crioulos. Janeiro de 2008...	91
Figuras 24, 25 e 26: Cerimônia de Casamento (católico) Tradicional em Caiana dos Crioulos. Alagoa Grande. Janeiro de 2008.....	91
Figuras 27 e 28: Ciranda depois do terço. Alagoa Grande – PB/Novembro de 2009.....	94
Figuras 29, 30 e 31: Ladainha de Nossa Senhora. Alagoa Grande – PB/Novembro de 2009.....	95
Figuras 32 e 33: Ciranda na comemoração da Consciência Negra. Alagoa Grande – PB/Abril de 2006.....	96
Figuras 34 e 35: Plantações em Caiana dos Crioulos. Alagoa Grande – PB/Abril de 2006.....	97
Figuras 36, 37, 38 e 39: Feira de Alagoa Grande. Alagoa Grande-PB/ Novembro de 2008.....	98
Figuras 40, 41, 42 e 43: Transportes utilizados pelos moradores de Caiana dos Crioulos. Alagoa Grande-PB/ Novembro de 2008.....	99
Figura 44: Artesanato de Caiana dos Crioulos. Alagoa Grande – PB/ Nov. de 2005.....	102
Figuras 45 e 46: Casa de Farinha de Caiana dos Crioulos. Abril de 2006.....	103
Figuras 47 e 48: Casa de Farinha de Caiana do Agreste. Nov. de 2008.....	103

Lista de Organogramas

Organograma 1: Estrutura da produção do conhecimento científico.....	14
--	----

Organograma 2: Substância cultural dinâmica e flexível.....	19
Organograma 3: Fases da regularização fundiária das terras quilombolas....	21
Organograma 4: Fundamentação Legal da Instrução Normativa Nº. 49.....	51
Organograma 5: Aspectos da Questão Racial no Brasil.....	55
Organograma 6: Apoios do Movimento Negro da Paraíba.....	74
Organograma 7: Ciclo do trabalho feminino em Caiana dos Crioulos.....	101
Organograma 8: Ciclo do trabalho masculino em Caiana dos Crioulos.....	101

Lista de Mapas

Mapa 1: Territorialização das Comunidades Negras do Estado da Paraíba...	23
Mapa 2: Registro dos municípios da Paraíba, por microrregiões, onde existem comunidades quilombolas.....	80

Lista de Siglas

AACADE - Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afro descendentes

APN's - Agentes de Pastoral Negros

CONTAG - Confederação dos Trabalhadores Agrícolas

CPT - Comissão Pastoral da Terra

DNIT - Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes

FICAB - Federação Independente dos Cultos Afro-Brasileiros na Paraíba

FORAFIR - Fórum de Ação Afirmativa da Paraíba

FUNASA - Fundação Nacional de Saúde

GRUCON - Grupo de Consciência Negra

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGP - Instituto Histórico Geográfico Paraibano

INCRA - Instituto Nacional de colonização e Reforma Agrária

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário

MNU - Movimento Negro Unificado

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ONG's - Organizações Não Governamentais

PCPR - Políticas Públicas de Combate a Pobreza Rural

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

SD - Superintendência Nacional do Desenvolvimento Agrário

SEPPIR - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

STR's - Sindicatos Rurais

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UA - Unidades Avançadas

UR - Superintendências Regionais

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar a construção do território do remanescente de quilombo de Caiana dos Crioulos, localizado no município de Alagoa Grande – PB, enquanto parte das lutas pela terra no Estado da Paraíba. Para tanto, foi utilizado como referencial teórico-metodológico, autores da Geografia e de áreas afins, a exemplo de Anjos (1999), Haesbaert (2004), Raffestin (1993), Ratts (2003), na discussão sobre território; Barth (1998), Ianni (2004), Moura (1994) e Munanga (1988, 2006), quando discutem raça e etnia; e, no que diz respeito ao debate acerca dos movimentos sociais, utilizamos Gohn (1997), Gorender (2000) e Dallari (2002). Do ponto de vista metodológico, foi realizado um levantamento bibliográfico criterioso sobre os conceitos de território e territorialidade étnica, abordando as relações de poder e de alteridade da comunidade quilombola. Para subsidiar algumas interpretações, foram feitas pesquisas em documentos do INCRA, do IBGE, do IHGP, da FUNASA, do MN-PB e, da Associação de Moradores da Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos. Nesses locais, quando se fez necessário, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os respectivos representantes para o esclarecimento de questões que surgiram ao longo do estudo. A pesquisa teve abordagem qualitativa, através de trabalhos de campo, com o intuito de manter o diálogo com os quilombolas, além de obter informações que foram registradas em cadernetas de campo, gravador eletrônico, câmera fotográfica e filmadora. A estrutura do trabalho está organizada em três capítulos que tratam dos instrumentos teórico-metodológicos, das técnicas e documentos da pesquisa; dos conceitos de raça, etnia e quilombo; e da questão racial no Brasil; além de discutir acerca do território da memória e identidade étnica de Caiana dos Crioulos. A partir das leituras e dos trabalhos de campo realizados, foi possível concluir que o território de Caiana dos Crioulos é constituído por uma complexidade que envolve as formas de relações de identidade com o lugar e de resistência para a conquista e permanência na terra.

Palavras-chave: Território, Comunidade Quilombola, Resistência, Paraíba.

ABSTRACT

This research aims to investigate the construction of the territory remaining of marrons Caiana dos Crioulos, located in the municipality of Alagoa Grande – PB, as part of struggles for land in the State of Paraíba. For this, we use as theoretical-methodological literature authors of Geography and related areas, like Anjos(1999), Haesbaert (2004), Raffestin (1993), Ratts (2003), on the discussion on territory; Barth (1998), Ianni (2004), Moura (1994) and Munanga (1988, 2006), when discussing race and ethnicity and, regarding the discussion about social movements used Gohn (1997), Gorender (2000) and Dallari (2002). From the theoretical and methodological point of view, we conducted a thorough literature review on the concepts of territory and ethnic territorial, addressing the relations of power and differences in the maroon community. To support certain interpretations we survey in documents of INCRA, IBGE, IHGP, FUNASA, MN-PB and the Association of Residents of the Maroon Community Caiana dos Crioulos. In this institutions, when was required, we did semi-structured interviews with their representatives to clarify issues that arose throughout the research. In research, we adopted qualitative procedures, through field work, in order to maintain the dialogue with the maroon, besides getting information that were recorded in field notebooks, electronic recorder, camera and camcorder. The structure of this dissertation is based on three chapters dealing with theoretical and methodological tools, techniques and documents of the research; the concepts of race, ethnicity and maroons, and the racial issue in Brazil; in addition to discuss the territory of memory and ethnic identity of Caiana dos Crioulos. From the reading and field work performed, we believe that the territory of the Caiana dos Crioulos is constituted for a complexity, which involves the forms of identity relations with the place and of resistance and to the conquer and permanence on land.

Keywords: Territory, Maroon Community, Resistance, Paraíba.

Introdução

a) Da trajetória acadêmica a escolha do tema: caminhos sinuosos da pesquisa



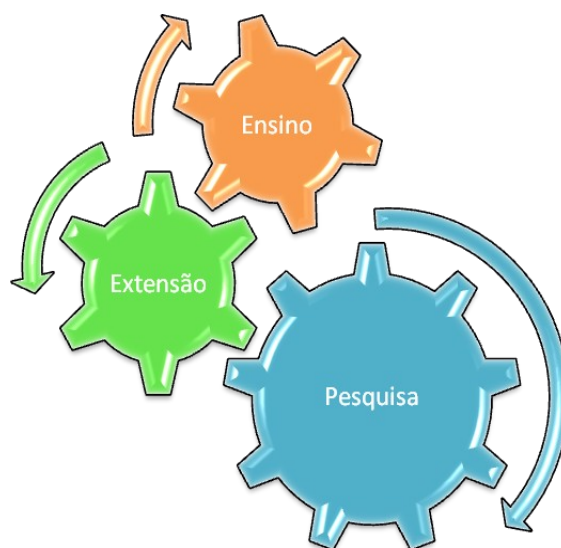
Figura 1: Caminhos sinuosos da pesquisa. Autora: Alecsandra P. da C. Moreira.

Estudar na forma de projeto de pesquisa as comunidades remanescentes de quilombos não fazia parte dos meus planos ao ingressar no Curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba¹. Mesmo porque, eu não sabia da

¹ Ao ingressar no Grupo de Pesquisa GESTAR: território, trabalho e cidadania, que é vinculado ao CNPq, no ano de 2003, quando estava prestes a acabar a vigência de um projeto ligado ao Programa de Iniciação a Docência (PROLICEN), que visa fortalecer a licenciatura, recebi o convite para ser bolsista de Iniciação Científica em um projeto denominado de “A Paisagem Agrária Paraibana: análise das manifestações culturais das práticas de resistência e das condições de trabalho”, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Ferreira Rodrigues. Nesse projeto, foram avaliadas duas políticas públicas de combate à pobreza rural: o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e o Projeto Cooperar. Nosso foco eram três grupos sociais distintos: quilombolas, indígenas e assentados da Reforma Agrária. Nesse projeto permaneci como bolsista de iniciação científica por três anos. A partir dessa pesquisa foram publicados vários artigos em eventos acadêmicos e produzi a monografia de conclusão do Bacharelado, que tem como título: “Território Quilombola: cultura e resistência em Alagoa Grande – PB”, onde foi enfocada a comunidade de Caiana dos Crioulos vindo, posteriormente, a concluir a Licenciatura. No início da graduação comecei a carreira de educadora em uma escola da rede particular de ensino e, após uma pausa de três anos, passei a lecionar na rede municipal de João Pessoa. Concomitantemente, surgiu a oportunidade de realizar a leitura crítica de um livro didático direcionado a disciplina de Geografia do ensino fundamental. Participei também, enquanto tutora, da formação continuada de professores da

existência dessas comunidades. Até então, as informações que obtivera durante a fase escolar faziam menção apenas aos quilombos que haviam sido criados e permanecido do início ao fim do período escravista, que se deu no Brasil até 1888. Através dos projetos de pesquisa ampliei minha percepção acerca da temática.

Em 2007 ingressei no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPB² com um projeto que deu continuidade à pesquisa iniciada ainda na graduação, nesse universo tão amplo e pouco estudado que é o das comunidades quilombolas localizadas no Estado da Paraíba. Nessas fases acadêmicas, participei de atividades ligadas ao ensino, pesquisa e extensão universitária. Vale ressaltar, que esse movimento não se revela como estruturas hierárquicas, mas, se constituem como peças fundamentais que fazem o todo funcionar, produzindo o conhecimento científico de um modo mais próximo da realidade.



Organograma 1: Estrutura da produção do conhecimento científico. Org.: Alecsandra P. da C. Moreira.

Nos meandros da pesquisa, encontramos nós que se apresentaram como o momento do fim de cada etapa, mas nunca da conclusão definitiva acerca de um tema. Por isso, esse caminho sinuoso foi sendo construído ao longo da minha trajetória acadêmica, desde a graduação até o mestrado.

prefeitura, ou seja, contribui para a capacitação de outros profissionais.

² Durante a pós-graduação passei a integrar equipes de projetos de extensão universitária, a exemplo do “Agricultura Orgânica e Feira Agroecológica como Estratégia de Complementação de Renda em Assentamentos Rurais da Zona da Mata Paraibana” e do “Cio da Terra e o Cuidado da Gente”, complementando o tripé: ensino, pesquisa e extensão, que é fundamental na carreira acadêmica.

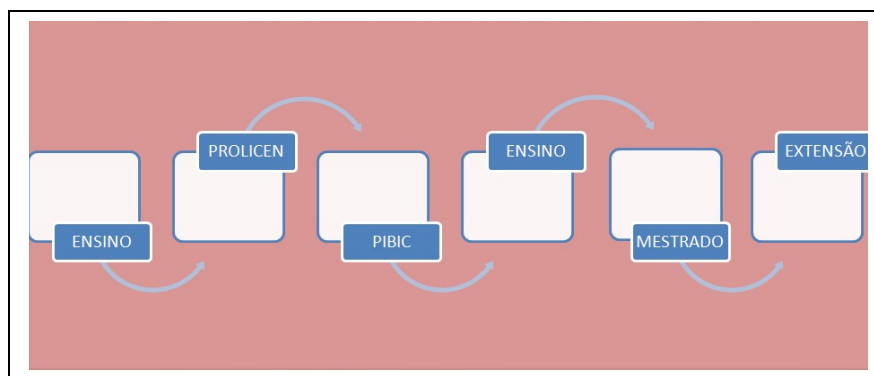


Figura 2: Percurso acadêmico. Autora: Alecsandra P. da C. Moreira.

Como é possível observar na figura acima, percorri caminhos que ampliaram minha visão de mundo enquanto estudante e professora de Geografia e, a partir deles, fiz a escolha do tema para trabalhar nessa dissertação de mestrado. No item a seguir, iniciaremos a discussão acerca da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, além do(s) método(s) que utilizamos para nortear essa pesquisa.

b) Iniciação do tema e reconhecimento dos limites epistemológicos: renúncia de um método único

Nessa nova fase acadêmica, tomei como referência a mesma área geográfica de estudo: Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande-PB. Registramos as formas de resistências dos negros da comunidade de Caiana dos Crioulos como grupo etnicamente diferenciado, enfocando situações de enfrentamento e de conquistas que se circunscrevem no âmbito das práticas culturais da comunidade, a exemplo das atividades associativistas vinculadas ao mundo do trabalho, além das atividades de entretenimento. Analisamos também, as políticas públicas destinadas às comunidades negras rurais.

Entre as formas de resistência, destacamos o processo de reconhecimento dos remanescentes de quilombos, pelo Estado brasileiro. Esses territórios foram formados por escravos fugidos e, por essa razão, geralmente estavam localizados em áreas de difícil acesso, como em serras, com terras férteis e água para a manutenção do grupo.

Consideramos aqui o recorte histórico de 1970 aos dias atuais, com o intuito de entender os territórios hoje denominados de remanescentes de quilombos, que ainda enfrentam graves problemas para sua reprodução social. Também,

mencionamos eventos e legislações que nos remetem a períodos anteriores, a exemplo da Lei de Terras de 1850 e as leis abolicionistas promulgadas, ainda no decorrer do século XIX.

Esse debate tem marcado as ciências sociais, com mais ênfase a partir da década de 1970, com uma nova forma de se pensar a realidade, quando houve uma maior valorização da cultura³ afro-descendente e a reafirmação dos direitos sociais dessa etnia. Nesse período, o movimento negro tem sido objeto de estudo de várias ciências e os territórios etnicamente diferenciados começaram a ter mais visibilidade (RATTS, 2003).

Na Paraíba⁴, existem movimentos étnicos organizados que buscam garantir os direitos da população negra, a exemplo do Movimento Negro que surgiu em 1979, a partir da necessidade de luta dos direitos do povo negro e para ajudar a acabar com o racismo⁵, porém, ainda há uma carência de informações que dificulta a caracterização fidedigna dos remanescentes de quilombos.

Dada essa carência de informações e a existência de poucos trabalhos científicos sobre esses remanescentes na área de Geografia⁶, a trajetória de

³ McDowell (1996, p. 161) afirma que “cultura é, no entanto, um conceito notoriamente escorregadio, difícil de ser pinçado e definido. [...] Cultura é um conjunto de idéias, hábitos e crenças que dá forma às ações das pessoas e à sua produção de artefatos materiais, incluindo a paisagem e o ambiente construído. A cultura é socialmente definida e socialmente determinada. Idéias culturais são expressas na vida de grupos sociais que articulam, expressam e contestam esses conjuntos de idéias e valores, que são eles próprios específicos no tempo e no espaço.” De acordo com Rodrigues (2003, p. 92) “a forma de pensar em que a cultura ocupa o centro das observações e reflexões teve início com a descrição das paisagens, a catalogação de dados e com o registro de imagens feitos pelos cronistas, viajantes, naturalistas e artistas, concretizando-se com o enfraquecimento de um modelo ou de modelos que tiveram no pensamento positivista a sua matriz principal. Na geografia costuma-se atribuir a Vidal de La Blache (1921) as formulações iniciais que têm em pauta a cultura. [...] De fato, seja na escola francesa, na Alemã ou na anglo-saxônica, ao longo do século XX autores e tendências fortaleceram essa corrente teórica. Sauer (1999), Sorre [s.d] e Claval (1973, 1999a, 1999b, 1999c) são autores que, dentre outros se destacam no século XX. Seguindo essa tradição, outros estudiosos prosseguiram: Cosgrove (1999a, 1999b), Berue (1999), Lowenthal, Duncan, e a estes outros somam-se, conforme comprovam estudos publicados recentemente, revelando a trajetória de constituição desse pensamento.”

⁴ De acordo com Waldice Mendonça Porto, no livro *Paraíba em Preto e Branco* (ano de publicação desconhecido), desde o século XVI os negros foram trazidos da África para trabalhar como escravos, na monocultura da cana-de-açúcar, no Estado da Paraíba. Os escravos tinham diversas procedências: Congo, Costa de Guiné, Costa da Mina, Angola, Benguela, Moçambique e São Tomé. Essas informações constam em inventários dos séculos XVIII, nas Cartas de Alforria dos séculos XVI, XVII, XIX, nas Escrituras de Compra e Venda do século XIX.

⁵ “**RACISMO** (in. *Racism*; fr. *Racisme*, ai. *Rassismus*-, it. *Razzismo*). Doutrina segundo a qual todas as manifestações histórico-sociais do homem e os seus valores (ou desvalores) dependem da raça; também segundo essa doutrina existe uma raça superior (“ariana” ou “nórdica”) que se destina a dirigir o gênero humano. O fundador dessa doutrina foi o francês Gobineau, em seu *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1853-55), que visava defender a aristocracia contra a democracia.” (DICIONÁRIO DE FILOSOFIA, 1998, p. 822).

⁶ Essa afirmativa foi pautada em pesquisas realizadas nas bibliotecas da UFPB, UFPE, UFRN e IHGP, realizadas pelo GESTAR: território, trabalho e cidadania. Grande parte do referencial

pesquisa se define a partir da perspectiva de diálogo com outras áreas das ciências humanas, reconhecendo os limites que estão no campo epistemológico para as ciências sociais na contemporaneidade, a exemplo da rapidez e complexidade das transformações técnicas e, por conseguinte, das próprias relações sociais, que exigem uma construção do conhecimento interdisciplinar.

Desse modo, o objetivo geral dessa pesquisa é investigar a construção do território do remanescente de quilombo de Caiana dos Crioulos, enquanto parte das lutas⁷ pela terra no Estado da Paraíba. Para tanto, utilizamos como referencial teórico-metodológico autores da Geografia e de áreas afins, na medida em que entendemos as relações sociais de forma complexa não cabendo, assim, a utilização de um único método de pesquisa.

A partir desse entendimento, utilizamos, dentre outros autores, tais como: Anjos (1999), Haesbaert (2004), Raffestin (1993), Ratts (2003), na discussão sobre território; Barth (1998), Ianni (2004), Moura (1994) e Munanga (1988, 2006), quando discutem raça e etnia; e, no que diz respeito ao debate acerca dos movimentos sociais, utilizamos Gohn (1997), Gorender (2000) e Dallari (2002).

Vale salientar que não pretendemos resumir o problema epistemológico da atualidade à palavra “complexidade” por si só, como comumente vem sendo utilizada para caracterizar aquilo que a ciência não consegue responder. Seria, pois, muito simples se assim procedêssemos. Aqui tratamos a complexidade como algo bem mais amplo que uma mera complicação. Como bem coloca Morin (2002, p. 14) a utilização da palavra complexidade indica uma busca do inconcebível e do silêncio:

É qualquer coisa de mais profundo, que emergiu várias vezes na história da filosofia. É o problema da dificuldade de pensar, porque o pensamento é um combate com e contra a lógica, com e contra as palavras, com e contra o conceito. [...] Além disso, o problema da complexidade tornou-se uma exigência social e política vital do nosso século: dando-nos conta de que o pensamento mutilante, isto

bibliográfico foi encontrada nas dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação em Ciências Sociais.

⁷ A luta de Caiana dos Crioulos não é declarada, visto que em seu entorno o direito de permanência na terra que eles ocupam é reconhecido pelos vizinhos. Porém, entendemos que as formas de resistência do grupo dão margem a situações de enfrentamento e auto-afirmação de sua história de luta pela sobrevivência. O Estado em Caiana dos Crioulos é o agente responsável pela consolidação de territórios sobrepostos. Dois assentamentos do INCRA e um do INTERPA circundam Caiana, mas no passado esses espaços pertenciam aos quilombolas. Entretanto, de acordo com o INCRA estas áreas são frutos de regularização fundiária, visto que os assentados tinham a condição de posseiros nas fazendas desapropriadas.

é, o pensamento que se engana, não porque não tem informação suficiente, mas porque não é capaz de ordenar as informações e os saberes, é um pensamento que conduz a ações mutilantes.

Corroborando com Morin (2002), entendemos que o cientista não mais deve acreditar que o conhecimento científico é seguramente objetivo e puro em seus enunciados, nem mesmo na coerência de todas as teorias que se fundamentam com dados, em face da facilidade de manipulação, de acordo com os interesses que podem variar a cada estudo. Ou seja, o cientista, é um sujeito individual, que através dos princípios da sociedade que o cerca, envolve-se em sistemas de idéias que tornam as teorias em algo científico, porém subjetivo. Não estamos falando da negação da ciência, mas da necessidade de clareza teórico-metodológica e da responsabilidade social da produção do conhecimento.

Entretanto, o leitor pode estar se questionando, como uma comunidade tradicional pode ser analisada a partir de um conceito que remete aos tempos modernos? Será que a globalização, a ampliação das fontes de informação e a supressão das barreiras espaciais⁸ não atingem essas comunidades?

O moderno e o tradicional são pares dialéticos e que fazem parte do cotidiano de Caiana dos Crioulos. O modo de vida rural deve ser interpretado, porque a substância cultural é dinâmica, móvel e flexível. O que faz de uma comunidade tradicional um lugar diferenciado não é a ausência de técnicas modernas convivendo com a cultura tradicional do lugar, mas sim o movimento de resistência contra a negação da cultura, que é a negação do seu passado e das suas lutas.



Organograma 2: Substância cultural dinâmica e flexível. Org.: Alecsandra P. da C. Moreira.

⁸ Sobre a compressão do tempo-espaço e da supressão de barreiras vide Harvey (2006).

Trabalhar com essa perspectiva é fugir de padrões e regras de análises pré-moldadas e entender que se a razão necessita de uma forma, de um método, devemos renunciá-la, porque segundo Feyerabend (1977, p. 279) essa é a única forma de se obter o progresso, porque “não há uma só regra que seja válida em todas as circunstâncias, nem uma instância a que se possa apelar em todas as situações”.

Do ponto de vista teórico, a partir do entendimento da necessidade da pluralidade metodológica, realizamos um levantamento bibliográfico criterioso sobre os conceitos de território, territorialidade étnica, territorialidades e destacamos também o espaço rural e o significado deste para o camponês quilombola. Apesar de haver uma diversidade muito grande quanto a organização social e os modos de vida das comunidades quilombolas, Caiana dos Crioulos pode ser classificada enquanto comunidade camponesa.

Segundo Martins (1986, p. 21) “as palavras ‘camponês’ e ‘campe sinato’ são das mais recentes no vocabulário brasileiro, aí chegadas pelo caminho da importação política”. Essas palavras foram introduzidas em definitivo pelas esquerdas por volta da década de 1960 para dar conta das lutas dos trabalhadores do campo que brotaram em vários pontos do Brasil a partir dos anos de 1950. Ao longo do tempo e em cada espaço a categoria camponês⁹ ganhou denominações específicas, mas a essência do modo de vida pautado na terra, no trabalho e na família é evidente.

Para subsidiar algumas interpretações, pesquisamos em documentos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), do Movimento Negro da Paraíba e da Associação de Moradores da Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos. Nessas instituições, quando se fez necessário, realizamos entrevistas semi-estruturadas com seus representantes para o esclarecimento de questões que surgiram ao longo da pesquisa.

A pesquisa transcorreu de forma qualitativa, através de trabalhos de campo em Caiana dos Crioulos, com o intuito de manter o diálogo com os camponeses quilombolas, além de obter informações que foram registradas em cadernetas de

⁹ Cf. Carvalho (2005), Fernandes (2001), Martins (1986) e Oliveira (1986).

campo, gravador eletrônico, câmera fotográfica e filmadora. Esses recursos possibilitaram a verificação do desenvolvimento da pesquisa.

Além disso, participamos das reuniões e atividades do grupo de pesquisa e de estudos GESTAR: território, trabalho e cidadania¹⁰, e do grupo de pesquisa Cidadania e Direitos Humanos, ambos vinculados ao Conselho Nacional de Pesquisa. Participamos também de eventos acadêmicos (seminários, conferências, cursos e encontros) de várias organizações, a nível local, estadual, nacional e internacional, que tinham como centro dos debates os temas territórios e territorialidades étnicas situadas no âmbito da questão agrária brasileira, porque entendendo esses eventos como uma oportunidade de interação com pesquisadores, representantes de instituições públicas, organizações não-governamentais e com os integrantes dos movimentos sociais negros.

Por fim, tabulamos as informações, analisamos os dados obtidos ao longo da nossa trajetória de pesquisa e elaboramos mapas que localizam as comunidades quilombolas do Estado da Paraíba, que estão ilustrando e dialogando com o texto de dissertação em seu todo.

c) Territorialidades quilombolas na Paraíba.

O território de Caiana dos Crioulos é uma área cuja delimitação é reconhecida, porém não regularizada, com relações de poder internas e externas bastante conflituosas, tendo em vista que a posse das terras necessárias para a manutenção do grupo, bem como a infra-estrutura básica, ainda não foram conquistadas. Somam-se também as teses e antíteses do movimento social negro na Paraíba, onde as ONG's e os movimentos sociais caminham juntos, ao mesmo tempo, por questões políticas, se estabelecem divisões internas ao grupo étnico.

Segundo a antropóloga do INCRA Maria Ester Pereira Fortes¹¹ os moradores de Caiana dos Crioulos têm a posse reconhecida e são cadastrados nessa Instituição. No Relatório de Identificação (1998), consta que cada família ocupa uma

¹⁰ Após ingressar no grupo de pesquisa GESTAR: território, trabalho e cidadania, as descobertas acadêmicas pessoais e coletivas, por vezes se confundem, entendendo que o crescimento individual de cada membro do grupo também é o resultado do desenvolvimento das atividades teóricas e práticas do coletivo. Por esse motivo o “eu” e o “nós” dialogam com harmonia no texto dessa dissertação.

¹¹ Informação verbal em entrevista realizada em julho de 2009.

área de cerca de três hectares, sendo cada área dividida de acordo com as relações de parentesco, ou seja, por hereditariedade.

Essa comunidade não é a única que reivindica a regularização fundiária das áreas remanescentes de quilombo na Paraíba. Como se pode verificar no organograma abaixo, esse processo é longo e exige das comunidades muita organização para conseguir o título das suas terras:



Organograma 3: Fases da regularização fundiária das terras quilombolas. Org.: Alecsandra P. da C. Moreira.

De acordo com depoimentos¹² divulgados pela direção da AACADE, no I Curso de Extensão para Comunidades Quilombolas e Indígenas do Estado da Paraíba, Mojubá Ymyrapytã¹³, ocorrido no período de fevereiro a agosto de 2008, existiam, nesse período, 24 comunidades negras identificadas. Na mesorregião da Mata Paraibana temos: Gurugi (Conde; 253 famílias), Ipiranga (Conde; 50 famílias), Mituaçu (Conde; 225 famílias), Paratibe (João Pessoa; 62 famílias); no Agreste Paraibano citamos: Matão (Gurinhém; 28 famílias), Grilo (Riachão do Bacamarte; 80 famílias), Pedra D'Água (Ingá; 160 famílias), Caiana dos Crioulos (Alagoa Grande;

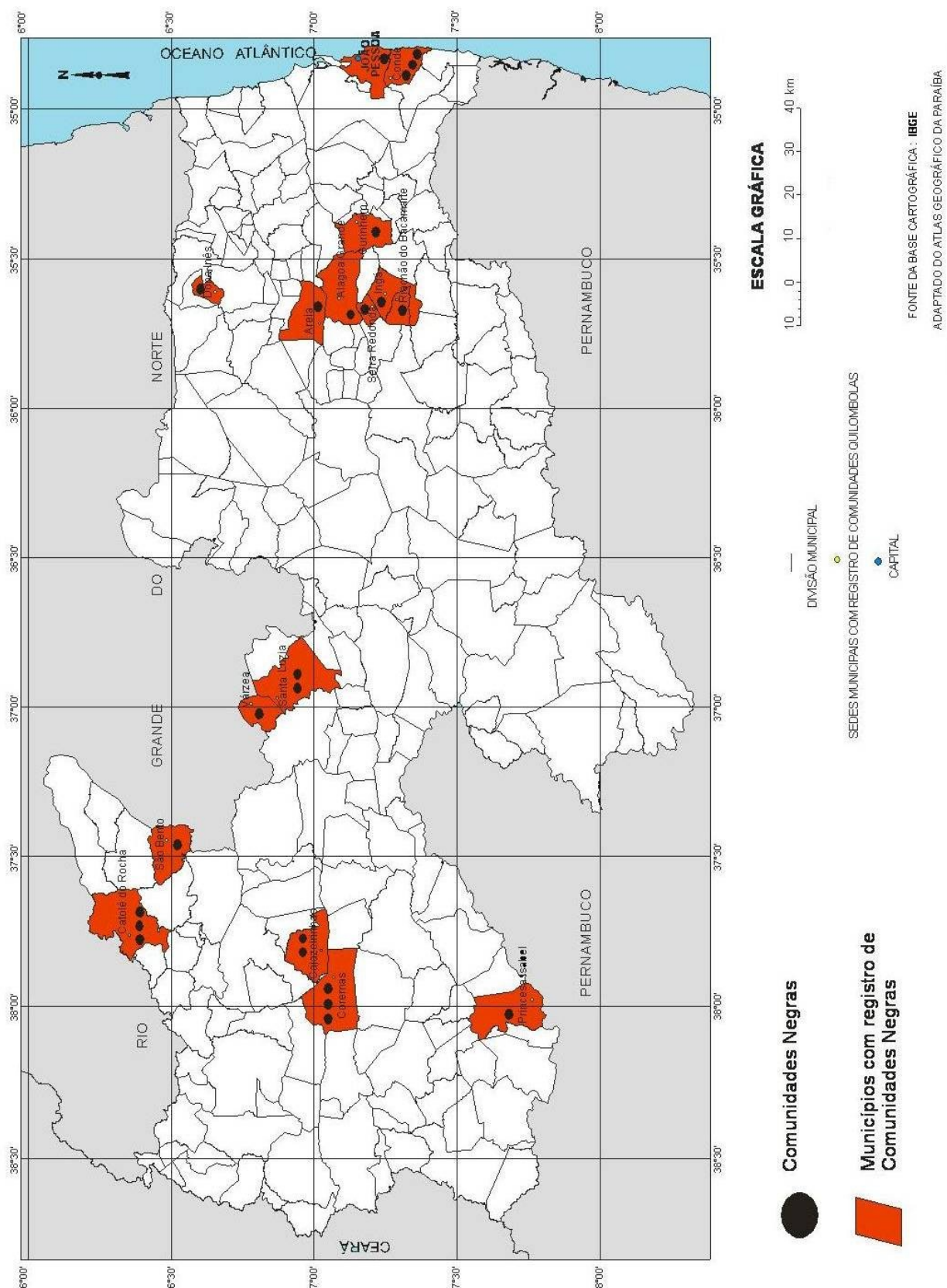
¹² Informação verbal acrescida de slides.

¹³ Realizado pela Dignitatis – Assessoria Técnica Popular em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba, o Movimento Quilombola e o Movimento Indígena da Paraíba, esse evento foi financiado pela Secretaria Especial de Promoção de Políticas de Igualdade Racial.

140 famílias¹⁴), Matias (Serra Redonda; 50 famílias) e Bonfim (Areia; 21 famílias); na Borborema existe: Pitombeira (Várzea; 50 famílias), Talhado da zona urbana (Santa Luzia; 200 famílias), Talhado da zona rural (Santa Luzia; 40 famílias); e no Sertão Paraibano: Cruz da Menina (não constam informações), Mãe D'Água (Coremas; 125 famílias), Santa Tereza (Coremas; 150 famílias), Barreiras (Coremas; 54 famílias), Umburaninha (Cajazeirinhas; 18 famílias), Vinhas (Cajazeirinhas; 15 famílias), Contendas (São Bento; 38 famílias), São Pedro dos Migueis (Catolé do Rocha; 38 famílias), Lagoa Rasa (Catolé do Rocha; 32 famílias), Curralinho/Jatobá (Catolé do Rocha; 38 famílias) e Livramento (São José de Princesa; 39 famílias).

Do Litoral ao Sertão, é possível visualizar a distribuição dessas comunidades no mapa da Paraíba a seguir:

¹⁴ A AACADE trabalha com Caiana dos Crioulos, propriamente dita, não levando em consideração Caiana do Agreste, por isso apresenta apenas o número de 140 famílias.



Mapa 1: Territorialização das Comunidades Negras do Estado da Paraíba. Fonte dos dados: AACADE. Organização: Alecsandra P. da C. Moreira.

Entretanto, é válido lembrar que estes dados mudam constantemente e até maio de 2009, já estão registradas 29 comunidades com a certidão emitida pela FCP, acrescentamos a lista acima as seguintes comunidades: Domingos Ferreira (Tavares), Sussuarana (Livramento), Areia de Verão (Livramento), Vila Teimosa (Livramento), Serra Feia (Cacimbas). No gráfico abaixo pode-se observar, na seqüência dos anos, a quantidade de comunidades quilombolas certificadas e divulgadas no Diário Oficial da União:

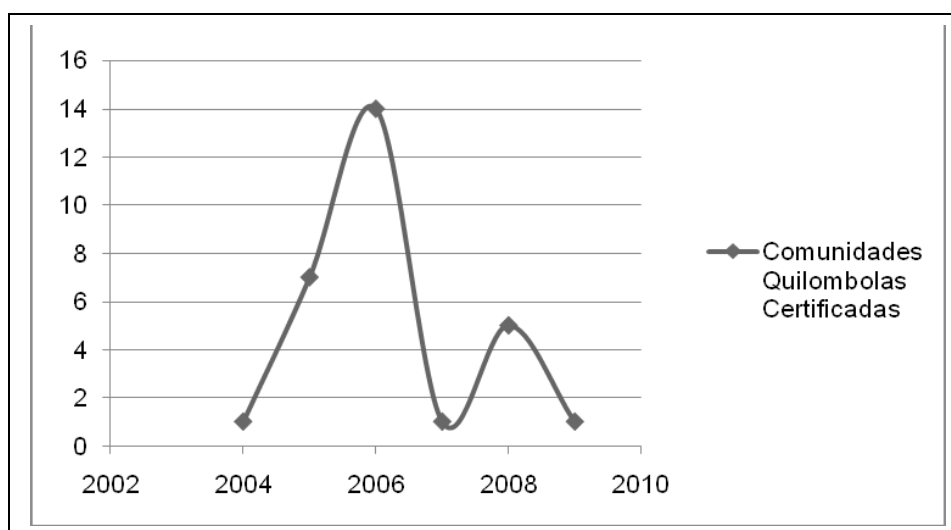


Figura 3: Comunidades Quilombolas Certificadas e divulgadas no DOU.
Organização: Alecsandra P. da C. Moreira.

A cada ano, é possível observar, que o número de comunidades quilombolas que reivindicam o seu reconhecimento tem crescido consideravelmente. As oscilações numéricas refletem um movimento próprio dos movimentos sociais, porque na medida em que os territórios negros vão sendo descobertos, são realizados trabalhos de conscientização nas comunidades, visto que a denominação de remanescentes de quilombo é posta de fora para dentro.

Mesmo em comunidades identificadas a mais de 10 anos, a exemplo de Caiana dos Crioulos, ainda há pessoas que têm consciência do processo histórico de resistência a escravidão dos seus antepassados, mas desconhecem as palavras que representam essas características: remanescentes de quilombos. Ressalte-se, ainda, que não foi realizado um estudo mais minucioso, com trabalhos de campo para a realização de um censo, além da elaboração de relatórios técnicos com

métodos e metodologias que acabem ou, pelo menos, que minimizem os erros¹⁵, não apenas na Paraíba, mas também em todas as regiões do Brasil.

Para debater acerca de uma dessas comunidades, este trabalho foi estruturado em três capítulos: no capítulo um, intitulado: “Base da Pesquisa e Construção do conhecimento: instrumentos teórico-metodológicos, técnicas e documentos”, discutiu-se sobre a importância do trabalho de campo para a Geografia, as metodologias e documentos utilizados nesta dissertação; no segundo capítulo, “A Questão Racial no Brasil e as Estratégias de Resistência Negra”, debateu-se a questão racial no Brasil e os instrumentos de dominação utilizados no País para mascarar as desigualdades sociais. No terceiro e último capítulo, debateu-se acerca do “Território da memória e identidade étnica”, da comunidade de Caiana dos Crioulos, que é analisada a partir das diferentes formas de resistência, como a permanência na terra, expressa como uma luta sem armas, mas que tem exigido dos quilombolas muito empenho e perseverança.

¹⁵ Moreira (2006) aponta contradições encontradas nas referências acerca das comunidades quilombolas. Algumas comunidades que se repetem em municípios diferentes ou localizadas em município errado, ou com erro de grafia, além de lacunas nas informações e/ou dados contraditórios.

Capítulo 1: Base da Pesquisa e Construção do conhecimento: instrumentos teórico-metodológicos, técnicas e documentos

Para alguns o pincel é a ferramenta de trabalho, para outros a enxada, para nós são as categorias, conceitos e princípios, que nem sempre são apresentadas da mesma forma, com a mesma cor e significados, produzindo efeitos ora positivos, ora negativos de acordo com a percepção do espectador. Nos meandros da pesquisa encontramos vários nós que podem se apresentar como o momento do fim de uma etapa, mas nunca de uma conclusão definitiva acerca de um assunto.

Autora: Alecsandra P. da C. Moreira.

A base de todo trabalho científico está pautada em objetos de estudo, categorias de análise, conceitos, princípios lógicos e de uma linguagem específica. Essa base norteia e dá sentido à pesquisa, de acordo com os fins político-sociais que se almeja. Em cada momento histórico, observou-se que houve discussões ora semelhantes, ora distintas, mesmo quando seguimos o desenvolvimento das teorias de um único autor¹⁶.

Ao longo do tempo, o espaço e o território, por exemplo, foram utilizados ora como conceitos, ora como categorias, ora como objetos¹⁷ de estudos, mas essa diversidade de usos não remete necessariamente o pesquisador ao erro. Ao contrário, porque ao trazer à tona a discussão epistemológica de uma ciência há um processo de renovação do conhecimento. Como afirma Quaini (1992), através do conhecimento epistemológico há a possibilidade da construção de uma nova Geografia plenamente responsável e útil. Nessa perspectiva, a história do pensamento geográfico não deve ser interpretada de modo linear e progressivo.

A pesquisa faz parte de um processo maior, ou seja, do processo de educação e o processo de investigação é o método¹⁸ de reconhecimento do mundo em sua totalidade. Sendo esta, mais do que mera soma das partes, deve-se decompor o conhecimento, estudar suas partes e fazer correlações para reconstruí-lo.

Neste capítulo, nos deteremos a entender o trabalho de campo, a categoria território e seus desdobramentos, que instrumentalizaram essa pesquisa, além dos conceitos de tempo e documento, memória coletiva e relatos orais¹⁹, como instrumentos teórico-metodológicos para a pesquisa de cunho geográfico de entendimento da territorialidade quilombola de Caiana dos Crioulos.

¹⁶ Como exemplo, citamos Santos (1985, 1994, 2006), que em cada uma das obras citadas utiliza-se de categorias diferentes para a teorização da pesquisa geográfica. Em Espaço e Método as categorias debatidas são: forma, função, processo e estrutura; no livro Metamorfose do Espaço Habitado o debate se dá sobre as categorias: espaço, território, paisagem, lugar e região; e em A Natureza do Espaço, a diversidade de categorias é muito maior, e o autor divide em dois grupos: categorias analíticas internas e externas ao espaço, dentre estas citamos: paisagem, configuração territorial, divisão territorial do trabalho, espaço produzido ou produtivo, rugosidades e formas-conteúdo, técnica, ação, objetos, norma e eventos, universalidade e particularidade, totalidade e totalização, temporalização e temporalidade, idealização e objetivação, símbolos e ideologia.

¹⁷ Cf. Mitidiero (2008).

¹⁸ Vide Moreira (2007).

¹⁹ Atendendo ao pedido dos moradores da comunidade de Caiana dos Crioulos, não foram divulgados os nomes dos(as) informantes entrevistados(as) no trabalho de campo mais longo que realizamos na comunidade, nos dias 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29 e 30, do mês de novembro de 2009. Nesse período, Fernanda Barboza de Lima, que está elaborando sua dissertação de mestrado sobre Caiana dos Crioulos, na área de Letras, colaborou na realização das entrevistas e no registro iconográfico.

1.1. O Território (e as Territorialidades) na Geografia: uma categoria clássica constantemente debatida e ampliada para os mais diversos tipos de estudos

A concepção clássica de território vincula-se ao domínio de uma determinada área, em uma perspectiva de análise centrada na identidade nacional, ou seja, nos remete ao Estado Nação e ao poder sobre esse espaço e seus recursos. Para Ratzel (1990) o solo exerce a sua influência sobre os organismos e vice-versa. Nessa lógica, se um povo sofre perdas territoriais ele entraria em declínio:

Na verdade o solo nos aparece como a causa mais profunda da sujeição humana, na medida em que permanece rígido, imóvel e imutável, abaixo das mutáveis disposições humanas, e se ergue dominador acima do homem toda vez que este ignora sua presença para adverti-lo severamente do que a raiz da vida está unicamente no solo. É ele que, duramente e sem nenhum critério de escolha, determina a cada povo o seu destino. (RATZEL, 1990, p. 81).

Outro exemplo clássico é o entendimento de território de Raffestin (1993), onde ele discute essa categoria enquanto fonte de poder: o território se forma a partir da apropriação do espaço de forma concreta ou abstrata (por exemplo, pela representação²⁰), desse modo o ser humano “territorializa” o espaço e “todos nós elaboramos estratégias de produção, que se chocam com outras estratégias em diversas relações de poder” (op. Cit., p. 153). Vejamos:

A territorialidade se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo das coisas. Conceber a territorialidade como uma simples ligação com o espaço seria fazer renascer um determinismo sem interesse. É sempre uma relação, mesmo que diferenciada, com outros atores. (RAFFESTIN, 1993, p. 161). [...] A territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais; ela é consubstancial a todas as relações e seria possível dizer que, de certa forma, é a “face vivida” da “face agida” do poder. (Op. Cit., p. 161-162).

As discussões apontadas por Ratzel (1990) e Raffestin (1993) foram ampliadas e, na atualidade, existem vários autores que debatem a categoria território. Nosso entendimento está de acordo com Souza (2003), Haesbaert (2004, 2005) e Suertegaray (2005), que entendem o conceito de território com várias

²⁰ “A partir de uma representação, os atores vão proceder à repartição das superfícies, à implantação de nós e à construção de redes. É o que se poderia chamar de ‘essencial visível’ das práticas espaciais, ainda que malhas, nós e redes não sejam sempre diretamente observáveis, pois podem pura e simplesmente estar ligados a decisões.” (RAFFESTIN, 1993, p. 150).

possibilidades analíticas que além de enfatizar a idéia de dominação/apropriação, flexibiliza o conceito e permite tratar de territorialidades como a expressão da coexistência de grupos e, de territorialidade como sendo o conjunto das características, elementos e formas de um território.

Souza (2003, p. 86) afirma que o território se constitui como um espaço definido e delimitado²¹ por e a partir de relações de poder, assim:

o território será um *campo de forças*, uma *teia* ou *rede de relações sociais* que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um *limite*, uma *alteridade*: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os *insiders*) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os *outsiders*).

Nessa perspectiva, para compreender a construção da territorialidade de Caiana dos Crioulos, verificou-se quais as categorias analíticas geoecológicas, quem e o que as produz, quais as relações afetivas e de identidade entre o grupo social e o seu espaço, para identificar a alteridade quilombola entranhada nos esporões da Borborema²².

Hoje, é possível falar em dois grandes “tipos ideais” ou referências “extremas” frente aos quais podemos investigar o território, um mais funcional e outro mais simbólico. De acordo com Haesbaert (2004, 2005), como tipos ideais eles nunca se manifestam em estado puro, ou seja, todo “território funcional” tem sempre uma carga simbólica, por menos expressiva que seja, e todo “território simbólico” tem sempre algum caráter funcional.

Para o citado autor, o “território funcional” é criado a partir de processos de dominação, onde o território é tido como recurso, com valor de troca, havendo assim, controle físico, produção e lucro. Já o “território simbólico” é criado a partir de processos de apropriação, sendo o território considerado como um símbolo, tendo um valor simbólico, no sentido de abrigo, lar, segurança afetiva. Portanto, todo território é ao mesmo tempo funcional e simbólico, pois exercem domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” como também para produzir “significados”.

²¹ De acordo com Raffestin (1993, p. 153) “delimitar é, pois, isolar ou subtrair momentaneamente ou, ainda, manifestar um poder numa área precisa.”

²² Esporões ou piemontes da Borborema são formações do tipo testemunho, que nos mostram que o Planalto da Borborema já esteve ocupando uma área maior do que a atual.

Além dessa discussão, é interessante estabelecer uma diferença entre territorialidade e territorialidades. Para Souza (2003), territorialidade no singular, seria aquilo que faz de qualquer território um território. Já as territorialidades²³, significam os tipos gerais em que podem ser classificados os territórios, de acordo com suas dinâmicas e propriedades. Para Haesbaert (2005) a territorialidade é algo “abstrato”, mas não no sentido radical que reduz ao caráter de abstração analítica. A territorialidade, enquanto símbolo de um território existe e pode ser introduzida como uma estratégia político cultural, mesmo que o território não esteja concretamente manifestado, a exemplo da “Terra Prometida” dos Judeus.

Assim, é possível afirmar que o poder no seu sentido simbólico também precisa ser devidamente considerado em nossas concepções de território. Sendo o território um espaço dominado e/ou apropriado, manifesta hoje um sentido multi-escalar e multidimensional que só pode ser concebido dentro de uma concepção de multiplicidade. De acordo com Haesbaert (2005) essa é a única maneira de construir outra sociedade, mais universalmente igualitária e multiculturalmente reconhecedora das diferenças humanas.

1.2. Trabalho de Campo na Geografia como um instrumento de reflexão crítica, teórica e prática

Apesar da tradição que os geógrafos têm desde os primórdios da Geografia, em realizar trabalhos de campo, pesquisas e produzir relatórios, atualmente, tanto na Geografia acadêmica como na escolar, os debates acerca da importância dos trabalhos de campo, como um instrumento metodológico signifiante para a produção do conhecimento não estão presentes, pois este vai além da observação da paisagem e procura desvendar suas rugosidades²⁴.

²³ Exemplos de territorialidades: as territorialidades quilombolas, as territorialidades da prostituição e as territorialidades das drogas.

²⁴ De acordo com Santos (2006, p. 43), as rugosidades são uma das categorias internas ao espaço, e referem-se às marcas cumulativas deixadas em uma paisagem pela sociedade em tempos remotos. “As rugosidades não podem ser apenas encaradas como heranças físico-territoriais, mas também como heranças socioterritoriais ou sociogeográficas”. Como exemplo, citamos as vassouras utilizadas em Caiana dos Crioulos: uma é feita artesanalmente com galhos de plantas encontrados no terreiro das casas, e a outra é industrializada e comprada na cidade. Cada uma tem o seu papel no trabalho doméstico cotidiano: a primeira varre o lado de fora das casas, e a segunda, o de dentro. Duas técnicas e dois tempos compondo a paisagem da comunidade.

De acordo com Alentejano & Rocha-Leão (2006), para atender as necessidades de acumulação do capital muitos têm banalizado essa ferramenta de trabalho. Por esse motivo, é fundamental articular a teoria e a prática, com um olhar crítico, visando transformar a realidade encontrada.

Outra questão importante é apontada por Lacoste (2006) sobre a responsabilidade social do pesquisador²⁵, que por vezes nega ao grupo estudado, os resultados do trabalho e, de certo modo, acaba por roubar um instrumento de poder, de quem dele mais precisa. E, por vezes, as informações de relatórios de pesquisas financiados por agentes públicos e privados podem ser utilizadas por pessoas de fora do território, como fonte de manipulação do grupo étnico.

Esses problemas acarretam aos grupos étnicos uma rejeição aos pesquisadores e se tornam entraves para muitas pesquisas. A relação pesquisador-comunidade-pesquisador, deve ser baseada em uma relação de confiança e troca mútua de saberes, onde conhecimento científico e senso comum se complementam.

Nos trabalhos de campo realizados em Caiana dos Crioulos, percebeu-se a desconfiança dos seus habitantes, devido aos problemas enfrentados em outros momentos por indivíduos que vêm de fora e se aproveitam para enganar ou se apropriar de seus recursos materiais e culturais.

Para fazer os registros iconográficos, foi necessária autorização prévia dos indivíduos, em alguns casos, foram feitas através de documentos escritos e, em outros, verbalmente, porque o ato de posar para uma foto e de assinar uma autorização do uso da imagem foi motivo de desconfiança. De modo semelhante, algumas pessoas ficaram meio receosas com o uso do gravador digital e os roteiros das entrevistas impressos para direcionar as discussões, mesmo quando foi explicado sobre a utilização desses instrumentos e que estes seriam utilizados para a concretização do trabalho.

Quando o assunto em pauta era sobre a religião em Caiana dos Crioulos, a resistência em responder as perguntas se deu de forma evidente. Mesmo quando foi entrevistado o principal²⁶ rezador da comunidade, não se conseguiu muitas

²⁵ No grupo de pesquisa GESTAR: território, trabalho e cidadania, há clareza da função social do pesquisador e depois de concluídas as monografias e dissertações de mestrado, os grupos sociais estudados foram convidados para assistirem aos resultados dos trabalhos, além disso, foram entregues, pelo menos, uma cópia destes trabalhos, que por sua vez podem ser utilizados para a realização de conquistas futuras para os grupos, por darem subsídios teórico-metodológicos para o entendimento de cada área estudada.

²⁶ Os rezadores mais citados nos depoimentos verbais foram Seu Zé Guilherme e Dona Maria Belarina (que aprendeu com ele de acordo com relatos orais).

informações acerca dos rituais. Uma das ajudantes do rezador, por exemplo, negou a participação em religiões de matrizes africanas, afirmando apenas que ela sabia que existia, mas que não freqüentava. Já outros, para responder sobre essas questões pediam para não dizer que eles haviam informado.

Esse tipo de situação de acordo com Zaluar (1986) acontece porque a alteridade e a desigualdade estão postas nas relações entre os sujeitos da comunidade em estudo e o pesquisador, mesmo nas questões aparentemente pequenas, que dificultam a comunicação. Tentou-se superar/contornar estes problemas no cotidiano da pesquisa, mesmo porque:

A pesquisa é prática, é ação, leve esse nome ou não. E é política não só no sentido amplo de que é datada e se inclui nos movimentos políticos, nacionais e internacionais, nas discussões e lutas políticas mais amplas, sejam estas explicitadas num projeto restrito que inclui a participação de dos grupos locais a serem estudados, sejam eles parte de projetos que, embora presentes e influentes em muitos discursos feitos na sociedade, não chegam nunca a ser articulados de modo explícito no projeto de pesquisa propriamente dito. [...] A pesquisa é política também no sentido restrito de que impõe ao pesquisador a necessidade de montar estratégias e táticas para conseguir a sua participação (ou presença) no grupo. (ZALUAR, 1986, p. 116).

Nessa perspectiva, com o passar do tempo as relações foram se fortalecendo e os diálogos com os moradores propiciaram informações mais completas e alguns comentaram que a nossa presença era bem vinda e lamentaram o fato de não termos ido até as suas casas.

Dada a quantidade de famílias e a distância entre as casas num relevo bastante acidentado da serra, em Caiana dos Crioulos, algumas residências foram selecionadas para serem realizadas as entrevistas. Um dos critérios utilizados foi estabelecer contato com as pessoas mais idosas do lugar e, também, entrevistar lideranças da comunidade, seja de associações de moradores, dos grupos de ciranda, agentes de saúde, representantes de organizações não governamentais, como a Bamidelê e a AACADE, como também, de referências religiosas.

Os trabalhos de campo e as teorias estudadas, antes e depois destes, instrumentalizaram esse trabalho dissertativo, porque:

[...] não podemos sacrificar a teoria em nome da prática, nem a prática em nome da teoria. Nada faz tão bem à teoria como sua prática, e vice-versa. A prática, por estar exposta a todas as

fragilidades históricas naturais, não deixa de ser importante, assim como a teoria, por ser uma construção abstrata, não é inutilidade vazia. (DEMO, 1984, p. 109).

Nessa perspectiva, a prática e a teoria, auxiliada ou intermediada por documentos, durante a pesquisa permitiram a construção desse conhecimento.

1. 3. Expressões do Poder no Espaço: tempo e documento

Um tempo que fosse abstrato e a-social nunca poderia abarcar lembranças e não constituiria a natureza humana. É esse, que ouvimos, tempo represado e cheio de conteúdo, que forma a substância da memória (BOSI, 1994, p. 422).

Os documentos que registram a Geografia e a História de luta das comunidades remanescentes de quilombos apresentam, via de regra, lacunas, erros, além de visões distorcidas e/ou equivocadas, que vêm sendo debatidas pelas Ciências Humanas e Sociais, inclusive pela Geografia.

Isso acontece porque os documentos não são objetivos, findos e puros, visto que neles estão embutidas expressões e demonstrações de poder do passado sobre a memória. Desvendar essas expressões significa revelar territorialidades, pois o documento tem o poder de fazer recordar o passado e de perpetuar a recordação das sociedades (LE GOFF, 1994, p. 9-10).

Nas comunidades quilombolas, a própria localização e disposição das casas, além das palavras, gestos e tradições, como arquivos orais e a etnia predominante no grupo, são documentos. Para Lê Goff (1994),

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (op. Cit., p. 545).

Acredita-se que a análise do documento como monumento deve ser realizada por todo cientista social, porém deve-se levar em consideração a noção de tempo empregada em cada ciência que se utiliza de tais documentos. Mas como obter a consciência de tempo?

Segundo Le Goff (1994, p. 13) “a oposição passado/presente é essencial para a aquisição da consciência de tempo” e, além disso, existem vários tipos de tempos

que envolvem a noção de duração, tais como: tempo vivido, tempos múltiplo e relativo, tempos subjetivo ou simbólico. Esse último, na abordagem cultural, tem uma maior relevância para o entendimento da memória de um grupo negro, que por muito tempo deixou de lado sua história como uma tentativa de não ser atingido pelo preconceito e discriminação.

Entretanto, apesar das formas de opressão que se destinam ao povo de etnia negra, a partir de 1970, a memória e a reconstrução de tempos simbólicos têm sido buscadas e investigadas. Devido ao fortalecimento dos movimentos sociais, tem-se hoje um movimento de revalorização da cultura negra e de mobilização política para a aquisição de direitos negados historicamente a essa população, que ainda possui baixos indicadores sociais, relativos, por exemplo, ao acesso à educação, ao trabalho, a moradia, a saúde, etc.

Para entender essa revalorização do povo negro no Brasil, o pesquisador deve ser capaz de identificar os vários tipos de documentos que podem ser utilizados para entender uma determinada comunidade quilombola, pois cada grupo necessita de uma metodologia específica.

Ao utilizar documentos iconográficos, a exemplo de fotografias antigas de famílias de uma comunidade rural, é possível extrair várias informações que foram registradas em um determinado tempo e espaço. Porém, é necessário fazer associações com outros tipos de documentos, quer sejam orais ou escritos, para que as subjetividades do olhar do outro (o de fora, o pesquisador) sejam minimizadas e a interpretação seja a mais coerente possível dentro do momento histórico vivido durante o trabalho realizado. Leite (1993) afirma que,

Por mais abstrata que pareça, a fotografia é sempre imagem de alguma coisa, além de que, tudo que se vê parece estar ao alcance, pelo menos, do olhar de quem vê. Contudo, não só os fotógrafos manipulam as fotografias como, em certa medida, os cientistas sociais estabelecem o que deve ser visto. E apesar disso, estes acentuam a fé na veracidade fotográfica, e é com base nela que a fotografia vem invadindo os trabalhos científicos e históricos, até há bem pouco tempo avessos à documentação que não fosse escrita ou de observação participante. (LEITE, 1993, p. 25).

Em trabalhos de campo realizados em Caiana dos Crioulos desde novembro de 2005, as falas dos moradores, em sua maioria, se autodeclarando católicos ou, em menor quantidade, evangélicos, bem como as ornamentações das casas com

várias imagens de santos, cruzes e outros símbolos, chamou-nos a atenção dada à quantidade de informações existentes.

As imagens de santos da igreja católica, algumas com laços de fitas, junto a fotografias de pessoas da família, podem indicar a um olhar desatento que a religião ali existente é apenas a católica. Mas no sincretismo religioso, muitos santos da igreja católica foram utilizados por religiões de matrizes africanas para que esses pudessem realizar os seus cultos sem sofrer repressões por parte das autoridades policiais e para se libertar do preconceito da sociedade envolvente, no Brasil, sociedade predominantemente católica.

De acordo com Halbwachs (1990, p. 133) “[...] as imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva”, mas para saber de fato se aquela família é predominantemente católica, seus moradores devem ser entrevistados ou ao menos questionados quanto a essa informação. Porém, mesmo assim, o pesquisador pode obter respostas que não representam a realidade vivida no cotidiano do sujeito social em questão, quando este não estabelece uma relação de confiança com o entrevistado.



Figura 4: A fé estampada na parede. Caiana dos Crioulos - Alagoa Grande/PB. Novembro de 2005. Foto: Alecsandra P. da C. Moreira.

Desse modo, o primeiro contato pode trazer informações incompletas acerca de algumas características da comunidade. Em contatos posteriores ao trabalho de campo realizado em 2005 foi obtida a informação de que existe na comunidade casas onde os rezadores praticam rituais de matriz africana, mas as rezas não são

praticadas de modo aberto, devido à opressão histórica sofrida. Estes lugares são freqüentados, mas ao mesmo tempo negados pela maioria dos moradores que se declaram católicos.

Em Caiana dos Crioulos há dois rezadores²⁷ que são muito citados: um rezador que realiza a cura de diversas enfermidades e uma rezadora que tanto faz o bem, como o mal. Quando nos deparamos com esse tipo de “surpresa” no campo, tivemos que rever a possibilidade de mudanças nos instrumentos de coletas, ou de formas diferenciadas de questionamentos, com base na linguagem da comunidade. Pois quando perguntamos se haviam terreiros de Umbanda ou Candomblé, e Pais ou Mães de Santos, as respostas geralmente eram negativas.

Sendo assim, uma técnica constantemente aperfeiçoada leva a coleta de documentos essenciais para o entendimento da memória coletiva. Para o resgate dessa memória demos preferência ao diálogo com os idosos da comunidade, as lideranças dos grupos de ciranda, das associações de moradores, do grupo de mulheres, agentes de saúde e professores. Entretanto, foram entrevistados outros adultos e jovens de Caiana dos Crioulos.

Mas uma dúvida provocou inquietações: que tipo de técnica deve-se utilizar com um grupo quilombola: qualitativa ou quantitativa?

Assim como a objetividade e a subjetividade durante muito tempo pareceram antagônicas, as técnicas qualitativas e quantitativas também figuraram como ordens opostas. Como bem coloca Queiroz (1992),

As técnicas são maneiras de fazer bem definidas e transmissíveis, destinadas a produzir determinados resultados considerados úteis; sua função não é diretamente explicativa; busca operar reuniões de dados segundo esquemas específicos, com a finalidade de analisá-los, isto é, de, por meio da decomposição do todo em seus elementos, chegar a um arranjo dos dados que não existia anteriormente; acredita-se que a nova disposição dos mesmos levará a um conhecimento de significados implícitos ou latentes. As técnicas são diferentes em sua maneira de ser e de agir, sendo indispensável conhecer com clareza os princípios que lhes são subjacentes, o que as distingue umas das outras, bem como os limites da ação que podem desenvolver. (op. Cit., p. 25).

²⁷ Na região Nordeste e em outras regiões do Brasil muitas pessoas têm como costume procurar a cura de enfermidades através de rezas, ervas medicinais e óleos caseiros, sejam elas da Igreja Católica, da Umbanda, do Candomblé, etc. Mas vale salientar que em cada religião há características específicas nas suas rezas e rituais.

Dessa forma, a escolha da técnica depende dos objetivos que se pretende atingir com a pesquisa, mas o que define os resultados são as análises realizadas posteriormente. E toda técnica implica em determinados limites.

A identificação dos limites das técnicas empregadas foi fundamental para obter informações acerca da construção da territorialidade étnica de Caiana dos Crioulos, visto que temos um objeto de estudo dinâmico, onde há conflitos internos e conflitos que extrapolam os limites territoriais da comunidade, estes por sua vez, produzem/reproduzem a identidade do grupo. Nesse caso, a técnica utilizada foi qualitativa com registros de relatos orais e audiovisuais, além de coletas de dados estatísticos em órgãos públicos e organizações não governamentais para a elaboração de gráficos, tabelas e mapas.

Pactuando com Queiroz (1992), afirmamos que independentemente da utilização de técnicas qualitativas ou quantitativas, os documentos são essenciais como registros da realidade em determinado momento e lugar, seja como fonte de informações ou como provas para outras informações obtidas anteriormente. Para a autora, esses documentos assumem, em geral, três formas: documentos escritos, documentos orais ou documentos iconográficos, podendo esses já existir, ou serem criados pelo pesquisador através de trabalhos de campo.

A partir desse momento, daremos ênfase à análise de documentos orais e iconográficos para entender a construção da memória coletiva de Caiana dos Crioulos.

1.4. A Memória Coletiva e o Trabalho com Relatos Orais

O olhar ensina um pensar generoso que, entrando em si, sai de si pelo pensamento de outrem que o apanha e o prossegue. O olhar, identidade do sair e do entrar em si, é a definição mesma do espírito. (CHAUÍ, p. 61, 1988).

O olhar do pesquisador em campo é o que diferencia os relatos acerca dos mesmos lugares. Quando esse olhar busca através da impressão do “outro” entender sobre as funções, utilidade e significados dos elementos da paisagem pode-se verificar o que está muito além da aparência.

De acordo com Halbwachs (1990) podemos identificar nos móveis e objetos das casas as formas de pensamento desse grupo social. Os objetos podem decifrar as preferências e os hábitos sociais de uma comunidade. Para o autor,

Não é uma simples harmonia e correspondência física entre os aspectos dos lugares e das pessoas. Mas cada objeto encontrado, e o lugar que ocupa no conjunto, lembram-nos uma maneira comum a muitos homens, e quando analisamos este conjunto, fixamos nossa atenção sobre cada uma de suas partes, é como se dissecássemos um pensamento onde se confundem as relações de uma certa quantidade de grupos (op. Cit., p. 132).

Não apenas os objetos e os aspectos das pessoas podem dar margens a uma descrição densa de uma comunidade. A própria localização e disposição espacial das casas podem expor um presente que transborda informações de um passado que revela fugas e um refúgio, o quilombo.

Caiana dos Crioulos está localizada em uma área de serra, nos piemontes da Borborema, e as casas encontram-se de forma dispersa no território de relevo ondulado e fortemente ondulado, e sem um arruamento definido. Na imagem a seguir, temos uma visão parcial da comunidade:



Figura 5: Casas dispersas em Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande/PB. Nov. de 2005. Foto: Alecsandra P. da C. Moreira.

Esse tipo de topografia revela uma estratégia de defesa utilizada pelos quilombos no período colonial, que se utilizavam, geralmente, de lugares afastados dos centros urbanos, de difícil acesso, com solo fértil e disponibilidade de água.

Nesse caso, as áreas mais altas serviram como pontos de vigia, visando à defesa do seu território.

Por conta dos receios e medos oriundos da repressão externa ao território, as histórias de almas, lobisomens e lendas estão expressas nos territórios tradicionais, em lugares específicos ou relacionadas a algum fenômeno natural. Em Caiana dos Crioulos existe a lenda do reinado encantado. Na rocha abaixo, é possível observar fissuras que despertam a curiosidade de moradores e visitantes que tentam decifrar o que está escrito para encontrar uma botija de ouro e desencantar um reinado. Esse lugar de acordo com entrevistas realizadas em novembro de 2008 tem um significado místico visto que são observadas “almas” e objetos pelos moradores da comunidade.

No trabalho de campo realizado em 2006, seu Dudé afirmou que:

Essa história do Reinado Encantado desde eu criança que eu vejo falar essa história. Aí o pessoal diz que quem descobrir isso que ta aí nessa pedra, aí o reinado desencanta. Agora só que tem vindo aqui várias pessoas pra tentar descobrir o nome e ninguém nunca descobre (Informação verbal).



Figura 6: Pedra do Reinado Encantado em Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande/ PB. Abril de 2006. Foto: Alecsandra P. da C. Moreira.

Alguns moradores afirmaram que quem descobrir o que está escrito na pedra “enrica” e Caiana vira uma cidade como Alagoa Grande, João Pessoa. E mais,

ninguém vai saber onde está localizada a sua casa. São várias as histórias ocorridas na pedra do reinado: teve gente que viu uma toalha muito grande; outra pessoa viu um molequinho ou um sapato; gente que sentiu como se algo estivesse amarrando as suas pernas; crianças brincando com areia sentiram que um dos montinhos estava bem fofo e sentiram medo de escavar, encontrar o tesouro e que algum bicho os pegasse e então eles correram.

Normalmente as pessoas que vêem coisas estranhas nesse lugar correm com muito medo e chamam alguém para ir olhar também, mas quando retornam não encontram mais nada. Meio dia e as seis são as horas mais temidas por uma das informantes.

O medo dos outros em Caiana dos Crioulos também é perceptível nas histórias de “papa-figo”²⁸. Outrora as pessoas tinham medo e vergonha de quem vinha de fora, mesmo porque existiam muitos papa-figos (homens) que pegavam carros e carregavam as crianças, de acordo com algumas senhoras. Os “papa-figo” comiam os fígados de crianças e de mulheres “buchudas” (grávidas). Tinha gente que se escondia embaixo da cama. Por lá ninguém nunca viu, mas ouviam muito falar que existiam papa-figos fora da comunidade. Havia também histórias de lobisomens, fatos que nos revelam como os “outros”, ou seja, “os de fora”, representavam uma ameaça aos moradores de Caiana dos Crioulos.

Todo esse quadro cultural pode ser resgatado através da memória coletiva da comunidade, resgatando lembranças de resistência, impressões acerca dos fatos, medos comuns, desejos e aspirações. De acordo com Halbwachs (1990, p. 145) “[...] não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial”,

[...] o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma a outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar a nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. (op. Cit.).

²⁸ É necessário observar a dimensão sociológica dessas histórias. Durante a escravidão os filhos das escravas eram arrancados das mulheres, por conseguinte, eram necessárias as estratégias de proteção, como as histórias de “papa-figos”, com a finalidade de permanecer com suas crianças.

De acordo com Halbwachs (1990) as comunidades imprimem em seu solo as suas marcas e evocam suas lembranças coletivas que são espacialmente bem definidos. Porém Bosi (1994) afirma que

Para Halbwachs, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. (BOSI, 1994, p. 413).

Cada pessoa entrevistada é portadora de uma visão de mundo, mas ao analisar seus discursos, enquanto parte de um grupo, essa visão tem um sentido de unidade, porque estes vivem de acordo com regras e padrões de comportamentos moldadas a partir de relações de poder características de seu território.

Entende-se que a utilização dos relatos orais de pessoas que compõem Caiana dos Crioulos pertencentes a grupos diferentes, quer estes façam parte de associação de moradores ou dos grupos de ciranda ou, ainda, do grupo de mulheres, leva ao enriquecimento do trabalho de pesquisa por possibilitar uma visão mais totalizadora do lugar, porque “[...] o ser pensante é sempre único, sua individualidade é patente; seu modo de conhecer e, portanto, sua imaginação, sua interpretação, seu julgamento de valor são, sem dúvida, inteiramente pessoais.” (QUEIROZ, 1992, p. 13).

Esse ponto de vista também é aceito por Dona Elza²⁹ (Coordenadora da Organização de Mulheres Negras de Caiana e Agente Comunitária de Saúde de Caiana dos Crioulos). Para a caianista, como ela se autodeclarou, não basta apenas o pesquisador ir à comunidade e conversar de forma aleatória com os moradores, porque ele corre o risco de ter contato com integrantes de apenas um único grupo por ser o que mais se destaca numericamente na comunidade. Ele deve procurar as lideranças do lugar e entrevistar pessoas dos vários grupos (não apenas as lideranças) ali existentes, para que este tenha uma visão mais real de Caiana dos Crioulos. Um grupo pode ter várias lideranças e esse fato não deve passar despercebido pelo pesquisador.

²⁹ Entrevista realizada no VII Encontro Estadual do Movimento Negro da Paraíba, ocorrido em João Pessoa, no dia 24 de novembro de 2007. A partir desse momento para nos referir a esse evento utilizaremos a sigla VII EEMN/PB.

Nesse sentido, o entendimento do lugar depende de uma busca pela memória coletiva da população pautada em critérios metodológicos claros. Essa memória se desenvolve através da convivência social nas escolas, nos roçados, nas cerimônias tradicionais, como nos casamentos³⁰ que envolvem homens, mulheres, casados e solteiros, além de crianças, desde os preparativos, até o dia e a noite da festa, trazendo para a comunidade até mesmo pessoas que migraram para o Rio de Janeiro em busca de trabalho.

Essa memória está em constante construção e como bem coloca Bosi (1994), depende da interação dos seus membros. Mas é preciso levar em consideração as diferentes observações sobre o mesmo fato e fazer um contraponto para enriquecer a discussão. Deve-se intuir o que não é perceptível em um primeiro contato e recompor características do passado não apenas quanto a sua forma, mas sim, de modo mais profundo identificando as suas funções e significados, pois

Por muito que deva a memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são para ele, só para ele, significativos dentro de um tesouro comum. (op. Cit., p. 411).
O tempo social absorve o tempo individual que se aproxima dele. Cada grupo vive diferentemente o tempo da família, o tempo da escola, o tempo do escritório... Em meios diferentes eles não ocorrem com a mesma exatidão. (op. Cit., p. 418).

Para entender os vários tipos de tempos de um grupo social é difícil se estabelecer um roteiro único para ser seguido em um trabalho de campo, visto que ele pode trazer respostas para indagações do pesquisador, porém que não vão possibilitar informações que vão além do indagado, pois o entrevistado pode não ter a possibilidade de transmitir outros conhecimentos. Demartini (1992) afirma que essa técnica deve ser aprimorada de forma cumulativa, através da escuta atenta e da reflexão acerca das informações obtidas, essas por sua vez vão levar a novos questionamentos que propiciarão um entendimento mais profundo da realidade do grupo em estudo.

É importante registrar que não foram poucos os questionamentos e reflexões realizadas sobre as técnicas e as informações obtidas nos trabalhos de campo realizados em Caiana dos Crioulos. Uma das preocupações foi não tratar a cultura pela cultura, mas sim, de buscar entender como as dinâmicas socioespaciais e os

³⁰ O casamento em Caiana dos Crioulos será um dos temas do capítulo 3.

sinais diacríticos³¹ do grupo, tais como as formas de organizações da comunidade, a inserção em movimentos sociais, as cerimônias de casamento, as cirandas, os coco-de-rodas, as curas a partir de tratamentos realizados com o auxílio de um rezador(a), com características da Umbanda, fazem parte das estratégias de resistência da comunidade, na medida em que dão unidade ao conjunto. Apesar de cada elemento ter sido estudado de modo separado, os significados compõem a totalidade.

Nesta dissertação optou-se por trabalhar com relatos orais, documentos escritos e iconográficos, ora por produção própria, ora em documentos oficiais. Mas antes de debater a construção propriamente dita do território de Caiana dos Crioulos, será trazida à tona uma discussão acerca da questão racial no Brasil e dos movimentos sociais de resistência negra.

³¹ De acordo com Barth (1998) os sinais diacríticos são aqueles que o grupo étnico identifica como sendo fatores de diferenciação entre o grupo e os de fora.